

Caminhos da Dramaturgia Brasileira Contemporânea

Entrevista com Márcio Abreu¹

1. Quais são os impulsos cênicos e/ou sociais que possuem mais impacto em seu trabalho enquanto dramaturgo?

O que imediatamente me mobiliza é a tentativa de diálogo com o outro. Como articular elementos de escritura - escrita, inscrição, composição - teatral que sejam determinantes enquanto propostas endereçadas a alguém e que tenham possibilidade de sequência, na medida em que se abrem também a respostas e reações. Este princípio aparentemente óbvio está na base de tudo e não se confunde em nenhum momento com fazer aquilo que o outro espera, confirmar expectativas ou fazer concessões ao que se supõe ser aceitável. Ao contrário, busca criar conexões múltiplas com as pessoas do público e expandir o campo de percepção. Ao longo de tempo tenho percebido que insisto em alguns estímulos que se articulam em conceitos como polissemia, polifonia, expansão, endereçamento, permeabilidade e presença.

2. Qual é a função da palavra e do texto teatral em suas montagens (ou dispositivos cênicos)?

A palavra é um elemento, entre tantos outros, a integrar o amplo território de articulação e de linguagem que é a dramaturgia. Não há, necessariamente, hierarquia entre os elementos. No entanto, se considerarmos o âmbito da cultura, a palavra, historicamente, revela muitos condicionamentos sociais. Para me referir apenas a dois deles, aos quais o teatro está intrinsecamente ligado, posso pensar na tirania dos discursos, num extremo, e na surdez social no outro extremo. Como pensar a função da palavra sabendo disso? Como tentar reinaugurar sua potência sem sobrepujar os outros elementos da linguagem?

Como tomar a palavra mais uma vez sem ser tirano? Como estimular uma escuta descondicionada? Como escapar do âmbito da cultura? São questões que me coloco sempre. A dimensão utópica desses desafios alimentam minha lida com a palavra, me levando, muitas vezes, a explorar seu campo de sonoridade: palavra como som, como música; mas também seu campo de concretude: palavra como pedra, objeto, matéria.

¹ Márcio Abreu é ator, diretor e dramaturgo, natural de Rio de Janeiro, radicado em Curitiba. Ministra regularmente desde os anos 1990 oficinas, cursos, seminários e palestras relacionados ao teatro. O trabalho VIDA recebeu três indicações ao prêmio Shell (SP), entre eles autor e direção.

3. Qual é a função e a importância da tradição dramática em seu processo dramático?

Fundamental. Invenção e consciência histórica estão profundamente vinculadas aos meus processos criativos. É evidente que estamos num tempo em que a vivência da pluralidade se impõe. Temos a chance de conviver simultaneamente com experiências inauguradas em épocas distintas. Para mim é cada vez mais difícil considerar algo como ultrapassado. Não é apenas uma relação cronológica a que eu busco com o tempo. No pós-tudo, podemos conviver com essas experiências fora do tempo. Podemos lidar quase arqueologicamente com algumas ideias, sem ingenuidade e de maneira legítima.

4. Do seu ponto de vista, quais são as barreiras e riscos mais iminentes que a dramaturgia brasileira contemporânea precisa enfrentar?

Os simulacros são sempre um risco. Reproduzir discursos, “métodos” e “técnicas”, criar “manuais”, tudo isso enfraquece a possibilidade de experiências genuínas. É também uma barreira e um risco iminente a auto-caricatura, o afirmar-se “contemporâneo”, o fechar-se à alteridade. As dramaturgias no Brasil ocupam um lugar inédito historicamente. É preciso não mistificar essa dimensão, mas alimentar esse campo do pensamento e da invenção e trabalhar para que ele permaneça existindo com potência, em transformação dinâmica, sem mortes súbitas ou banalizações sociais.

5. Como você vê a importância das oficinas de dramaturgia as quais você ministrou e como você os resultados concretos deles?

No ponto em que estamos, vejo com muito otimismo as oportunidades de oficinas, núcleos e encontros de dramaturgia. São, objetivamente, momentos em

que as experiências de alguns criadores, práticas e de estudo, podem ser abertas, compartilhadas, repensadas. Podem ser realmente trocas frutíferas, estímulos fundamentados e acredito que contribuem muito nos processos de formação. Tenho tido a sorte acompanhar as reverberações desses trabalhos. Meus e de alguns colegas. Faz realmente diferença. Principalmente se conseguem ir além de um simples evento que acontece só uma vez. É preciso insistir no tempo, na continuidade.

6. Como você vê o papel do Estado no processo de construir e consolidar uma Dramaturgia Brasileira Contemporânea?

Essa é uma questão difícil de responder em poucas linhas. Tentando ser objetivo: o compromisso do Estado deve ser primordialmente com o que não é gerido pelo mercado. Formação não é e nem pode ser mercado, arte de ponta também não. É dever do Estado, portanto, fomentar e dar acesso a essas experiências; é um direito nosso. As pesquisas no teatro recente no Brasil, os movimentos dos grupos e companhias, os núcleos de dramaturgia tem uma enorme e entusiasmada resposta da sociedade. Isso legitima ainda mais o compromisso que o Estado deve ter.

7. Tem algo que você considera importante para complementar estas questões?

As pontes que o projeto “Encontro com Dramaturgo” está tentando construir entre a academia e a prática do ofício são muito estimulantes e imprescindível para o amadurecimento de ambas as partes. A re-elaboração teórica de uma experiência teatral, a proximidade e a prática mesmo dentro da universidade, enfim, tudo isso amplia a experiência e ajuda a afirmar o nosso espaço.